



## O encontro da pedagogia social e o quintal da minha infância.

Sandra Butschkau Lourenço

### Resumo

No texto em tela trago as impressões da minha infância e sua influência no caminhar da minha trajetória acadêmica, e como essas vivências foram aos poucos tecendo o caminho investigativo em direção à pedagogia social. Neste sentido fui aos poucos percebendo o universo plural deste caminhar. Primeiro ao cursar a disciplina de orientação educacional, na qual me deparei com o “amor” em sala de aula, e que este fazia parte do aprender, e ainda a descoberta do cerne da pedagogia social que é o de “*ser para o outro*”. Pouco a pouco as atividades desenvolvidas ao longo do curso e suas particularidades e oportunidades, e ainda a experiência na escola pública, e a diversidade de interações e suas singularidades. Realço também minhas reflexões sobre estas ações. Além da experiência vivenciada na Residência Acadêmica, o que acarretou um olhar mais apurado da educação infantil e a possibilidade de neste segmento trazer discussões sobre meio ambiente. No entanto destaco importante atividade durante a pandemia de Covid 19, no sentido de acolher as diversas vulnerabilidades daquele momento, e ainda incluir em nosso repertório novas possibilidades digitais ao acompanhar as mudanças no atual contexto planetário. Evidencio ainda assuntos relevantes a respeito das relações sócio ambientais, discutidas na educação e fora dela. Bem como apontar o que é *ser humano* em consonância com os demais seres do planeta, e singular interdependência. E por fim nossa participação e um encontro com os direitos humanos e suas vertentes, de forma coletiva, em um ambiente que traduz a importância da pedagogia social como lócus de pesquisa dentro da educação e além dela.

Palavras chaves: acolhimento; direitos humanos; conectados; responsabilidade planetária; meio ambiente.

### Introdução

“O quintal da minha infância se desdobra ou vem se desdobrando em tantos outros espaços”. [ ] “ Sítios ” em que o homem de hoje, vindo em si o menino de ontem [ ] revisita percebe novos ângulos antes não percebidos”.

(FREIRE, 2013, pg.39).

Nestas palavras de Freire vejo semelhança com minha trajetória de vida e ao mesmo tempo saudades do quintal de minha infância, espaço o qual eu me identificava, era meu mundo conhecido antes de me decidir por uma grande cidade.



Este meu encantamento da infância me inspirou na busca do conhecimento e ainda a pessoa que sou hoje.

Devo dizer que apesar de ter nascido na grande São Paulo até minha adolescência ainda existiam quintais, e diferente de Freire neste espaço não havia uma mangueira, mas sim um abacateiro, em que me pendurava em várias peripécias, um galinheiro, coelhos, e muitas tentativas de cultivo de minha mãe de ascendência indígena. Tínhamos mandioca, milho e algumas verduras, eram meu universo, amigos brincando até escurecer, os donos da rua, aqueles banhos de chuva, pisar no barro, ver o crescer de cada planta.

Porém achava que meu mundo poderia ser maior, um dia segui a estrada na direção do Rio de Janeiro, na qual conheci meu marido e tive um filho que com seu olhar perspicaz, mostrou-me ainda mais a importância da natureza. Fiz faculdade de administração, mas esta não me tocou o suficiente para ter uma ação em meu caminhar. Então segui, e ao trabalhar em escolas como inspetora de alunos, fui picada com o bichinho do cotidiano escolar, o burburinho dos corredores, as discussões interessantes, e conforme me aprofundava no cuidado com alunos, fui me aproximando novamente das leituras, história, geografia, ciências e cada vez me apropriando deste universo. Assim de cara busquei a pedagogia da UFF, e descobri uma nova dimensão.

## **A Universidade**

A faculdade para mim mostrou-se um desafio, eu já contava com alguma idade, e os colegas de turma muito jovens, muitas leituras e pesquisas, no entanto isso me moveu até aqui, pois a cada dia era um novo começo, uma nova realidade. Descobri muitos caminhos dentro da graduação, era um mundo que queria viver ao máximo, pois ele exalava muita energia. Fui buscando ação, em ser monitora de psicologia da educação o que me aproximaram de diversas turmas, cada turma da graduação com suas particularidades, porém eu percebia as grandes desigualdades presentes no cotidiano da universidade. Algumas dificuldades pareciam ser corriqueiras em um ambiente de estudo, porém havia meandros que percebemos



apenas se o olharmos de maneira mais apurada, e esta foi à contribuição do “olhar” que a pedagogia social apresentou em meu caminho.

E, assim atuando como bolsista na área de educação e trabalho, fato que me aproximou de uma sensibilidade que pensava adormecida, a educação ambiental. Assim fui bolsista Faperj, em uma pesquisa que visava os saberes de povos ribeirinhos e tradicionais, e de como faziam no seu dia a dia para viver suas tradições, em contradição com a hegemonia do capital. E desta maneira buscar compreender as relações ambientais como o modos de vida tradicionais e das relações sócio ambientais. Não de uma maneira simplória onde percebemos apenas o descarte do lixo, ou o plantio de árvores, mas um modo de pensar o consumo exacerbado, a alimentação saudável e ainda por que produzimos? Para quem produzimos? E como produzimos? Questões que me fizeram aprofundar ainda mais nas relações sustentáveis entre os sujeitos e me aproximar ainda mais das questões ambientais.

Acreditava que seria imprescindível conhecer a escola pública, em seu modo pedagógico de ser. Assim minha primeira experiência foi a de monitora da sala de informática, em duas escolas do município de Niterói, meu papel era o de proporcionar conteúdo para os professores no uso de novas tecnologias. Foi um momento singular, pois ao colaborar sobremaneira nos momentos de interação dos alunos, com várias disciplinas, geografia, matemática e ciências foram muito relevantes para me pôr a par de conteúdos que pudessem conversar com a natureza.

Contudo neste período pude identificar que as vulnerabilidades e as práticas das escolas são diversas. Isto se dá porque cada unidade escolar tem sua identidade, e precisamos ter uma abordagem pedagógica diferente respeitando as singularidades. Em uma delas, um dos preceitos foi a *Identidade*, um dos preceitos essenciais à pedagogia social, nela os sujeitos careciam de se sentir parte da cidade, normalmente não frequentavam os espaços da cidade, como lojas, praças e serviços de maneira regular, não se sentiam acolhidos, percebiam a diferença entre o cotidiano da cidade e a cultura de sua comunidade, apesar da proximidade geográfica. Busquei então conhecer quais eram seus sonhos, suas e ambiguidades,



procurando uma escuta sensível para atuar em prol de suas vulnerabilidades. Mais tarde descobri que se tratava da *Escuta* algo essencial na pedagogia social

Em certo dia uma aluna me despertou para uma necessidade urgente. A falta de verde no espaço escolar, ela chorou por ver uma árvore ser cortada por funcionários. Aos poucos fui observando cantos e recantos da escola, no sentido de achar um espaço verde. Então em conversa com professoras da escola chegamos à decisão de fazer uma horta. Fizemos reuniões para sensibilizar a comunidade, lançamos um projeto e realizamos muitas apresentações e oficinas para os alunos no sentido de sensibilizar sobre o assunto meio ambiente foi preciso três anos para que a horta viesse a brotar.

Todavia, em busca de nosso objetivo, nos juntamos a um coletivo para aproximar a comunidade escolar da natureza, e assim a criação da horta, foi objeto do meu trabalho final de conclusão de curso, e hoje é lócus de pesquisa<sup>1</sup>. Com outros olhares a pedagogia social, este espaço tornou-se ação importante para divulgar saberes, cultura, soberania alimentar e práticas ambientais, com a comunidade escolar aproximando o currículo da sala de aula, e a práxis, e ainda mais uma maneira de conversar com a comunidade a respeito das relações ambientais tão necessárias ao contexto atual. Como nos diz (FREIRE, 2011) ao unir prática e teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.

A aproximação da pedagogia social se deu ao frequentar a aula de orientação educacional, no entanto só a pude frequentar quase no final da faculdade, e tal foi meu encantamento ao ler o primeiro texto apresentado, do Leo Buscaglia o “Amor”, no qual ele nos traz aspectos peculiares das relações familiares, nem sempre entendidas ou acolhidas pela escola. Contudo o texto da professora da disciplina Margareth M. de Araújo "Por que dá pedagogia social" que em seu bojo traz os três pilares importantes para um pedagogo social foi decisivo, então fui conhecer o Grupo Pipas levada por colegas com mesma pegada.

---

<sup>1</sup> Projeto Plante o Verde – Maria José Ribeiro, Sandra Butschkau, Carlos Eugenio, Átila Calvente – Nutrição UFF.



## A Pedagogia social e sua profundidade

Ao frequentar as reuniões do Grupo PIPAS<sup>2</sup> me aprofundei na temática da pedagogia social, e ainda naquele ano fui para a Residência Acadêmica em Pedagogia, recém- instaurada no currículo pela CAPES, o tema proposto pela orientadora foi de “Quem conta um conto aumenta um ponto” realizado em uma escola municipal de educação infantil, no bairro de São Francisco, em Niterói. No entanto a fim de adaptar o tema e as discussões socioambientais o adaptei para “*quem conta um conto, planta uma semente*” e assim de forma coletiva com alunos do curso de pedagogia, a direção da escola, e sobre orientação da Prof<sup>a</sup> Margareth M de Araújo e da preceptora Prof<sup>a</sup>. regente Ana Flávia Cenáqui, construímos um projeto para tratar das relações ambientais na educação infantil.

Neste espaço trouxemos discussões sobre meio ambiente, adaptados à idade das crianças GREI 3, como animações, brincadeiras e ainda um personagem de desenho infantil Capitão Planeta, no qual a união dos elementos terra, fogo, água, coração, e ainda os personagens que tem poderes nos aproximam do cotidiano das crianças com seu universo infantil e ainda da temática da educação ambiental. Além de ter o coração como um dos seus principais elementos, o que nos leva de encontro a um preceito visto constantemente em nossa prática na pedagogia social a busca do fazer com o coração, e a partir desta reflexões aproximar sujeitos e o meio ambiente.

Além disso, para despertar nas crianças a curiosidade pela natureza, levamos a experimentação de sabores e ainda a texturas dos alimentos, suas características, sentir a textura e conhecer suas sementes, criar desenhos e brincadeiras a partir das folhas e sementes. E assim no intuito de estimular o conhecimento da natureza levamos para sala de aula sementes de diversas espécies, e como nos diz Manoel de Barros, 2008 “que a importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que a coisa produz em nós” foi o que procuramos proporcionar àquelas crianças e assim se deu o início de uma nova relação com a natureza, principalmente com os jardins da própria unidade.

---

<sup>2</sup> PIPAS- UFF, Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão de Formação Inicial e Permanente de Educadores de Crianças em Situação de Vulnerabilidade Social



Fazia parte da nossa conversa à relação do cuidado e a literatura devido ao tema “*um conto aumenta um ponto*”, então criamos a bolsa bebe a qual trazia uma boneca com um pequeno livro para ler com a família, cada criança podia levar para casa por um final de semana. E na questão da formação de leitores desde os anos iniciais da escola se faz essencial na construção de cidadãos críticos, atividade item essencial nas relações humanas e que devemos incentivar sua prática desde a mais tenra idade. (COLOMER, 2007) a.

A partir da minha entrada no grupo participei das Jornadas da Pedagogia Social, sendo que a primeira em 2018. Nesta ocasião fiquei na sala culturas, ótimas interações com direito a instrumentos de percussão a partir de sucatas, o que me fez perceber ainda mais sentido no caminho investigativo do consumo exacerbado e o descarte de materiais, pois é relevante o tratamento de lixo relacionado ao meio ambiente dentro da educação e ainda visando à qualidade de vida dos sujeitos.

A residência acadêmica foi relevante no aprendizado e desenvolvimento tecnológico, pois fomos levados a configurar nossos arquivos em “nuvens” e no uso de novas ferramentas tecnológicas, tão necessários no contexto da atual da pesquisa e das relações sociais.

Nesse tempo foi relevante a minha participação no Grupo Conectados, onde em maio de 2020 iniciamos com assuntos relevantes a pandemia de Covid 19, que iam desde a leitura de Boaventura de Souza Santos, texto recém-publicado “A cruel pedagogia do vírus”, até uma receita de chá caseiro. Estas interações cresceram em conteúdo e importância, o que proporcionou a cada dia um dia um plantonista diferente, com sua pesquisa ou *expertise* que desenvolvia na pedagogia social, no meu caso sobre relações socioambientais que acredito ter sido uma importante questão para o aquele momento, pois a aproximação à natureza trazia algum alento aos sujeitos imersos nesta realidade. Destarte um caminho para entrarmos de vez no uso das plataformas digitais traz a Pedagogia Social da UFF, novas interações por meio de reuniões, entrevistas e ações que fizeram a diferença no Acolhimento deste momento ímpar da humanidade.

Porém com retorno aos poucos à normalidade buscamos outros caminhos, criamos um grupo dos interessados na pluralidade e diversidade de saberes que permeiam a pedagogia social. Cada encontro tem um tema principal e uma



entrevista, geralmente sobre sua experiência ou prática com a pedagogia social ou afim. Todavia devido à relevância refletimos sobre um projeto político pedagógico que envolvesse conhecimentos afetivos, saberes, valores e cuidados, seriedade e riso como nos diz (BAZÍLIO e KRAMER, 2011, pg.64), então no ano de 2021 criamos o grupo Círculo de Saberes, em um aplicativo de conversas. Desta maneira a partir do entendimento da orientadora Prof<sup>a</sup> Margareth, a pedagogia pode ser um movimento de anti destino, que nos leva a repensar a respeito de fatalidades, sorte, e demais acontecimentos como algo que possamos direcionar e redirecionar por meio de práticas, metas, ou orientações e que venham a modificar um futuro indesejado. E assim discutir, refletir e repensar em um grupo de conversas sobre a diversidade dos sujeitos, como cultura e modos de vida possam ser âncoras para uma educação do século XXI. Então, eu como coordenadora trago discussões destes sujeitos imersos em vários contextos, e com eles discutir práticas possíveis de atuação e de práticas dialógicas como nos diz (FREIRE, 2015), no sentido de estar ao lado do outro, não contra ele”.

No momento estamos envolvidos em um projeto especial, que é uma parceria da Secretaria de Direitos Humanos de Niterói, a Universidade Federal Fluminense e a pedagogia social, do Grupo PIPAS-UFF, cada membro desenvolve uma aula tema, de acordo com sua atuação no do grupo, ou sua linha de pesquisa. Eu e um colega pesquisador, Prof<sup>o</sup> Valério, apresentamos a aula sobre Cidadania Planetária, que a partir da Carta da Terra, faz referência à construção de uma sociedade com desenvolvimento econômico sustentável e justiça social. Que foi pensada a partir de nossas conversas no Grupo Círculo de Saberes, e discussões a respeito do contexto de emergências climáticas, e ainda o quanto esta atinge sobremaneira os mais vulneráveis.

Sendo assim, divulgar e refletir sobre a responsabilidade que temos como sujeitos de práticas e modos de vida em relação a atual conjuntura. E assim atuar em busca de uma consciência planetária, traz à baila discussões sobre modos de vida sustentáveis e de que como (FREIRE,1987) diz, possa ser aquela em que o sujeito tenha condições de refletir e descobrir-se como [ ] sujeito do seu destino.

E desta maneira trazer uma amplitude humana, de como seres do mundo, em torno do “que” e “como” estão “sendo”, assim como na civilização do consumo.



Ressaltar a importância do ser humano se reconhecer parte da natureza, discutir sobre os direitos dos sujeitos nessas relações socioambientais, bem como entender o Ser Planeta e nossas responsabilidades para com a vida na Terra.

Entretanto este assunto requer olhares diversos, e passa por refletirmos o que é qualidade de vida e como ela pode ser mensurada além dos aspectos comumente usados. Assim encontramos em FIB<sup>3</sup> (Felicidade Interna Bruta, Butão) que discute a vitalidade comunitária, a espiritualidade e as tradições, pois pretendemos ir além dos aspectos materiais, uma maneira encontrada pelo país do Butão para mensurar a felicidade da população, um pequeno país localizado no Himalaia, na década de 70, quando um rei do Butão, um pequeno país do Himalaia, declarou que não mediria mais as riquezas de seu território por meio do PIB (Produto Interno Bruto), mas, sim, pelo FIB, ou seja, a Felicidade Interna Bruta de seus habitantes. Na verdade, o conceito tem um peso filosófico, que defende que a riqueza material não é sinônimo de felicidade.

E ainda a matriz de necessidades de Max Neef, na qual as principais demandas devem ser visto por suas relações de interdependência de maneira que seres humanos, natureza e tecnologia, processos globais e comportamentos locais, dimensões pessoais e sociais estão amparados nos pilares de reconhecimento e satisfação das necessidades humanas fundamentais; geração para autodependência, e a constante construção e manutenção dessas relações (MAX-NEEF, 2012 apud STACHEIRA, 2020).

Destarte ressaltamos a convergência de dois autores que permeiam nossos estudos Bakhtin e Freire sobre a inquietação e incompletude dos seres, e que se meu acabamento se faz a partir do outro, a pedagogia social pode nos aproximar destas relações, então reconhecer que a pluralidade de modos de vida que coabitam este planeta, a interdependência, é essencial para evoluirmos como seres universais. Em ainda em busca da amplitude humana, seguimos no entendimento sermos seres espiritualmente evoluídos que respeitam a natureza e têm cuidado com ela. Segundo (ARAÚJO, M. M., 2015) "O cuidado tem dupla dimensão: a de

---

<sup>3</sup> FIB. Felicidade Interna Bruta<sup>5ª</sup> Conferência Internacional sobre felicidade interna bruta - FIB - Foz do Iguaçu- PR, 2006 <http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>



manter vivos os seres humanos e o planeta, e a compreensão de que a coletividade é o destino da humanidade”. E apenas conhecendo o discurso desse outro é que podemos nos aproximar em busca destas inter-relações, em constante diálogo com a coletividade, e desta maneira falar, divulgar e apresentar a nossa fala para suscitar mudanças de atitudes.

### **Considerações finais**

Ao traçar meu caminho na pedagogia social procurei dar continuidade às ações que se iniciaram na graduação e que faziam sentido a partir da minha história de vida. E ao me aprofundar o foco na comunidade escolar foi uma maneira de conhecer as relações daqueles vulneráveis da atual conjuntura da escola pública, e desta maneira identificar demandas locais e globais tendo os Direitos Humanos e responsabilidade planetária como princípio. Nesta proposta trazer discussões sobre a responsabilidade dos sujeitos que habitam este planeta, e suscitar a importância da vitalidade comunitária, o respeito à ancestralidade e a cultura, e ainda temos que comprometer em Ser mais, do que Ter. Portanto, a pedagogia social pode nos ajudar evoluir como sociedade não de uma maneira tecnológica, mas de forma ética mostrando que não devemos agir como se não houvesse consequências, e desta maneira incentivar a coletividade, e nossa interdependência em relação ao planeta e o universo. E ainda, trazer à tona discussões a respeito dos desastres naturais, ressaltando aos sujeitos que este fato ocorre decorrente da ocupação desordenada, bem como as ilhas de calor cada vez mais intensas com consequências desastrosas principalmente aos mais vulneráveis, objeto da pedagogia social. Portanto se faz necessário apresentar estas discussões nas escolas, nas universidades, nas comunidades e no maior número de espaços possíveis. É desta maneira que o Grupo PIPAS, vem a ser importante mediador dessas discussões. Buscamos ainda nestas pesquisas e interações entender Por Quê? e Para Quem? Produzimos. Pois cada vez mais é um desafio alimentar as pessoas, mas ao exaurir os recursos naturais ficamos cada vez mais a mercê da fome. E quais serão as soluções para a realidade que se apresenta. Uma delas é trazer para educação as discussões pertinentes ao tema ambiental, incentivar práticas junto à comunidade escolar e



também fora dela. Porém no intuito de divulgar o trabalho de pesquisa apresentar em seminários, encontros, jornadas acadêmicas e ainda buscar apresentar estas discussões sobre cidadania planetária nas mais diversas oportunidades, é mister apresentar outros modos de consumir, se alimentar, produzir e transformar nossas relações com o planeta, em busca de assumirmos responsabilidades e evitar um colapso futuro. Portanto ao pesquisar, ao refletir sobre estas questões traz a pedagogia social como futuro, cerne central das decisões do presente, na construção de um caminho para a educação do século XXI, como pensa a Profª Drª Margareth M de Araújo, e assim acolher as diversas vulnerabilidades que se apresentam, tendo ser humano como foco.

## **BIBLIOGRAFIA**

ARAÚJO, M. M.; Pedagogia social: diálogos com crianças trabalhadoras. São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2015.

Por uma pedagogia social para o século XXI, Curitiba, CVR Editora, 2020.

BARROS, Manuel de. Memórias Inventadas: A segunda Infância, São Paulo, Planeta, 2008, pg.95.

BAZÍLIO, L. C. colaboração KRAMER, S., 2011, 4ª edição, São Paulo, Ed. Cortez.

BUTSCHKAU, S.; RIBEIRO, M. J.; CALVENTE, Á; GEPASE- Nutrição UFF, Projeto Plante o Verde, Pergolado e Horta Vertical; Projetos Instituintes – ano 2016; Fundação Municipal da Educação de Niterói; EM Alberto Francisco Torres.

CARVALHO L. Q.; ARAÚJO, M. M. organizadoras, A pedagogia Social na perspectiva Bakhtiniana – um encontro dialógico, Ed. Pedro e João, São Carlos, 2021- Centro de Recursos Paulo Freire da FPCE, 2003.

COLOMER, T. Andar entre livros: a leitura literária na escola, São Paulo, Global Editora, 2007.

FREIRE, Paulo, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, São Paulo, Paz e Terra, 1996.

À sombra desta mangueira, Notas de Ana Maria Araújo Freire, 11ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.

A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 42. ed. São Paulo: Cortez, 2001

GERALDI, J. J W “Diálogos Paulo Freire e Mikhail Bakhtin – o encontro que não houve” Coleção Querer Saber 1ª Edição, Instituto Paulo Freire de Portugal



[http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo11\\_20131](http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo11_20131).

MAX-NEEF, Manfred A. Desenvolvimento a escala humana: concepção, aplicação e reflexões posteriores. Blumenau: Edifurb, 2012.

PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA CAPES/UFF, 2019, Pedagogia Social; alunos participantes: Dannyeli dos Santos Vitória; Diego Lourenço Violante Silva; Maria Izabel Santos Curado; Sandra Butschkau Lourenço, orientadoras Prof<sup>a</sup> Ana Flávia Alves Cenaqui, Prof<sup>a</sup> Dr. Margareth Martins de Araujo. UMEI Maria Luiza da Cunha Sampaio.

RODRIGUES, Bruno A. S.; MENEZES, R. J; ALVES, K. C.; Nota crítica aos sete saberes necessários à educação do futuro: um estudo à luz da crítica Marxista. Revista Arma da Crítica, número: 4 dezembro 2012; ISSN 1984-4735.

SANTOS, Boaventura de S. S.; A cruel pedagogia do vírus; Boitempo, São Paulo, 2020. <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/a-cruel-pedagogia-do-virus-1021>

São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2015.

STACHEIRA, Claudio Roberto et al. Modelo interdisciplinar para análise teórica da ação da escola na promoção do desenvolvimento à escala humana. Interações (Campo Grande) [online]. 2020, v. 21, n. 1 [Acessado 22 Agosto 2022] , pp. 213-228. Disponível em: <<https://doi.org/10.20435/inter.v21i1.2227>>. Epub 27 Fev 2020. ISSN 1984-042X. <https://doi.org/10.20435/inter.v21i1.2227>.